



Revista Brasileira de Educação

ISSN: 1413-2478

rbe@anped.org.br

Associação Nacional de Pós-Graduação
e Pesquisa em Educação
Brasil

GAIO ALVES, MARIANA

O regresso de licenciados ao ensino superior: entre a inserção profissional e a educação
ao longo da vida

Revista Brasileira de Educação, vol. 21, núm. 64, enero-marzo, 2016, pp. 101-120

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27543071006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O regresso de licenciados ao ensino superior: entre a inserção profissional e a educação ao longo da vida*

MARIANA GAIO ALVES

Universidade Nova de Lisboa,
Lisboa, Portugal

RESUMO

Neste artigo, analisa-se o regresso de licenciados ao ensino superior para continuarem a formação académica, discutindo-se e interrogando-se as razões pelas quais os licenciados escolhem continuar uma formação pós-graduada. A análise apoia-se em dados empíricos resultantes de uma amostra representativa de licenciados que em 2004/2005 terminaram os respectivos cursos na Universidade de Lisboa e na Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Os dados apresentados permitem debater em que medida a participação em formação pós-graduada pode ser entendida como uma estratégia de inserção profissional. Esse debate é particularmente relevante no contexto atual, tendo em conta, por um lado, que a educação ao longo da vida assume uma centralidade crescente nas sociedades contemporâneas e, por outro lado, que a precarização do emprego dos licenciados tem vindo a acentuar-se significativamente.

PALAVRAS-CHAVE

ensino superior; pós-graduação; licenciados; inserção profissional; educação ao longo da vida.

* Artigo financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal no âmbito do projeto Pest-OE/CED/UL2861.

THE RETURN OF GRADUATES TO HIGHER EDUCATION: BETWEEN EMPLOYABILITY AND LIFELONG LEARNING

ABSTRACT

In this article, we analyse the return of graduates to higher education to continue academic training, discussing and considering the reasons that lead them to continue postgraduate training. This discussion draws on the analysis of empirical data resulting from a statistical representative sample of graduates who completed their first degrees in 2004/2005 at the Universidade de Lisboa e Universidade Nova de Lisboa (Portugal). The data analysed enables the consideration to what extent the participation in postgraduate training can be understood as an employability strategy. This debate is particularly significant in the present context given, first, that lifelong learning is of increasing importance in contemporary societies and, moreover, that graduates' unstable and precarious employment situations have been growing.

KEYWORDS

higher education; postgraduation; first-degree graduates; employability; lifelong learning.

EL REGRESO DE GRADUADOS A LA ENSEÑANZA SUPERIOR: ENTRE LA INSERCIÓN PROFESIONAL Y LA EDUCACIÓN A LO LARGO DE LA VIDA

RESUMEN

En este artículo se analiza el retorno de los graduados a la enseñanza superior para continuar la formación académica, discutiendo e interrogando las razones que los llevan a tomar dicha decisión. El análisis se apoya en datos empíricos resultantes de una muestra representativa de graduados que finalizaron sus cursos en 2004/2005 en las Universidade de Lisboa y Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Los datos analizados permiten examinar en qué medida la participación en la formación de postgrado se puede entender como una estrategia de empleabilidad. Este debate es particularmente relevante en el contexto actual, teniendo en cuenta, por un lado, que la educación a lo largo de la vida asume una centralidad creciente en las sociedades contemporáneas y, por otro lado, que la precarización del empleo de los graduados ha aumentado significativamente.

PALABRAS CLAVE

educación superior; posgrado; graduados; empleabilidad; educación a lo largo de la vida.

INTRODUÇÃO

A inserção profissional de licenciados é um objeto de estudo relativamente recente, o qual emerge da constatação de que a conclusão de um curso de ensino superior não é garantia de obtenção imediata de um emprego estável e duradouro, assim como da visibilidade social que assume o fenómeno do desemprego de diplomados de ensino superior. Nesse contexto, assistiu-se a uma multiplicação dos trabalhos de recolha e análise de informação sobre a inserção profissional desses diplomados em vários países (com destaque para França, Reino Unido e Canadá) a partir dos anos de 1970. No caso português, as primeiras pesquisas desse tipo emergiram na segunda metade dos anos de 1990, tendo-se registado uma expansão e diversificação assinaláveis desses trabalhos na primeira década do século XXI. Por essa razão, argumentamos que o objeto de estudo “inserção profissional de graduados” tem estado em construção nos últimos anos em Portugal (Alves, 2010).

Uma análise sistemática das pesquisas já realizadas (*idem*) permitiu identificar alguns aspetos que parecem ser bastante consensuais entre os investigadores. Destaque-se o reconhecimento da acentuada transformação das trajetórias de inserção nas últimas décadas, tornando-se estas crescentemente complexas e precárias, bem como a identificação de um sentimento de insegurança generalizado relativamente ao valor do diploma, com impacto das estratégias, representações e processos de socialização profissional protagonizados pelos diplomados. De realçar, também, a constatação de que variáveis como a área disciplinar de estudos dos diplomados, o género ou a origem social influenciam a configuração dos percursos académicos e de inserção profissional dos licenciados.

No quadro das pesquisas realizadas há, porém, outros aspetos que permanecem pouco ou nada estudados. Entre estes, consideramos que a compreensão das lógicas de articulação entre (re)ingresso no ensino superior e trajetórias profissionais constitui um dos desafios para a pesquisa educativa nesse domínio temático, pelo que este artigo procura contribuir para essa compreensão.

Nos discursos correntes, é habitual que a opção de regressar ao ensino superior, depois da conclusão da licenciatura, seja entendida como uma estratégia que visa essencialmente fazer frente a situações de desemprego e/ou de precariedade no emprego. Contudo, em pesquisas anteriores colocamos a hipótese de que as razões para regressar ao ensino superior nos anos que se seguem à obtenção da licenciatura não podem ser linearmente associadas a motivações relacionadas com o desemprego ou com a precariedade de emprego, ainda que estas caracterizem cada vez mais frequentemente as trajetórias profissionais dos diplomados de ensino superior (Alves *et al.*, 2010; Alves; Alves; Chaves, 2012).

Neste artigo procuramos explorar essa hipótese, debatendo em que medida a participação em formação pós-graduada pode ser entendida na atualidade como uma estratégia de inserção profissional. Esse debate é particularmente relevante tendo em conta a expressiva valorização da educação ao longo da vida nas sociedades contemporâneas, a qual significa que os indivíduos tendem a procurar cada vez mais frequentemente oportunidades educativas de diferentes tipos em várias idades. Ora, ainda que os dados apresentados neste artigo não permitam estudar

as opções dos licenciados por modalidades diversas e variadas de educação e de formação, é possível caracterizar suas escolhas de regresso ao ensino superior nos cinco anos após a licenciatura. Assim, reconhecendo a centralidade da educação ao longo da vida nas sociedades contemporâneas, neste texto procuramos contribuir para o aprofundamento de conhecimento sobre essas dinâmicas por meio da análise de um caso particular: a procura de formação acadêmica pós-graduada por parte de licenciados.

A CENTRALIDADE DA EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na contemporaneidade, a ideia de que a educação é algo que se circunscreve aos primeiros anos de vida dos indivíduos tende a tornar-se obsoleta, pois um grande número de sujeitos envolve-se crescentemente em contextos e oportunidades educativas ao longo de sua vida. Ou seja, é hoje mais frequente o regresso ao sistema de ensino em diferentes idades da vida, assim como é mais habitual a participação quer em diferentes cursos de curta duração, quer em processos de reconhecimento e validação de aprendizagens experienciais instituídos (Jarvis, 2007).

Nesse contexto, a dúvida sobre se os adultos têm capacidade para aprender está claramente ultrapassada, reconhecendo-se a existência de diferentes formas e processos de aprendizagem em virtude da idade e do contexto do aprendente. Como sublinha Jarvis (2009), a aprendizagem por parte dos adultos é uma possibilidade efetiva, não um evento excepcional, sendo sustentada em factores experienciais e biológicos inerentes ao próprio processo de envelhecimento que tornam a aprendizagem possível tanto para os jovens adultos como para os mais idosos.

De facto, a educação ao longo da vida emerge na contemporaneidade como algo que constitui uma característica central das práticas, atitudes e expectativas dos indivíduos, em especial nas sociedades industriais avançadas. Ainda que, em diversos tempos históricos e em vários espaços geográficos, sempre se tenha aprendido ao longo e ao largo da vida, assiste-se hoje a uma valorização dessas dinâmicas que encerra transformações para os indivíduos, em sua dupla condição de sujeitos à influência de dinâmicas sociais estruturais e de sujeitos protagonistas de práticas e processos sociais.

Adicionalmente, constata-se que as orientações de política educativa têm vindo a valorizar a aprendizagem ao longo da vida, reforçando a importância e a relevância do envolvimento em oportunidades educativas em diferentes idades. Designadamente, desde o início do século XXI, no quadro da União Europeia, constata-se que, para promover uma economia do conhecimento mundialmente competitiva, a aposta na aprendizagem ao longo da vida tem vindo a ter efeitos não só no estilo de vida dos indivíduos como também nos sistemas educativos (Alves, 2010). Consequentemente, a educação, sob o lema da aprendizagem ao longo da vida, tem vindo a tornar-se crescentemente um “direito”, mas também um “dever” em diferentes idades nas sociedades europeias contemporâneas (Biesta, 2006).

Em algumas interpretações, trata-se de um direito e de um dever necessários, de modo que promovam a adaptação a um estado de mudança permanente e, de-

signadamente, tendo em conta a incerteza e a instabilidade nos planos económico e profissional. O envolvimento em diversas modalidades de aprendizagem e a obtenção de credenciais escolares constituem-se, nesta perspectiva, como estratégias que visam facilitar o acesso a determinadas posições sociais e profissionais, garantindo a prosperidade (Brown, 2003). Contudo, para o mesmo autor, essas estratégias podem revelar-se uma “armadilha de oportunidades”, em relação ao facto de que os laços entre diplomas e respectivas recompensas no mercado de trabalho têm vindo a atenuar-se nos últimos anos.

Outro conjunto de interpretações explicativas da crescente importância conferida à educação ao longo da vida associa esta a dimensões existenciais e identitárias que caracterizam os indivíduos nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, a vida na atualidade parece ter assumido uma lógica de aprendizagem contínua segundo a qual viver e aprender surgem como dinâmicas inseparáveis (Gerwitz, 2008), ou então se considera que os indivíduos tornaram-se “sujeitos permanentemente aprendentes” (Hake, 2006) na modernidade tardia. A educação ao longo da vida é assim entendida como uma dimensão constitutiva da própria identidade individual, configurando uma condição estrutural de existência e até mesmo uma garantia de que se é um bom cidadão, surgindo a ideia de “cidadão aprendente” como uma evolução política possivelmente inevitável (Holford *et al.*, 2008).

Nesse cenário, embora se reconhecendo que todos os adultos podem aprender ao longo da vida, importa sublinhar que nem todos o fazem da mesma maneira. A análise de vários resultados de pesquisas internacionais evidencia que a probabilidade de um adulto envolver-se em educação ao longo da vida é maior para aqueles que concluíram inicialmente níveis de escolaridade mais elevados (Bélanger, 2011), assim como aqueles que têm oportunidades mais significativas de aprendizagem em contexto de trabalho são, habitualmente, os indivíduos com níveis de maior qualificação (Riddell; Ahlgreen; Weedon, 2009). Também a leitura de dados estatísticos europeus indicia que a participação em aprendizagem ao longo da vida (de tipo formal, informal e não formal) é mais frequente entre os grupos mais jovens, ativos profissionalmente e mais qualificados (Alves; Neves, 2010). Ou seja, importa sublinhar que a participação em educação ao longo da vida, considerando suas várias modalidades, reveste-se de desigualdades sociais (Jarvis, 2007).

Diante dos dados disponíveis, é expectável que o regresso à educação ao longo do ciclo de vida tenda a ser particularmente significativo no caso dos diplomados de ensino superior. Não obstante, de modo complementar, outros factores, como o ambiente profissional, as características das entidades empregadoras, o estatuto socioeconómico, as condições de vida, as políticas públicas e as oportunidades institucionais de aprendizagem existentes, poderão também influenciar a participação dos licenciados em educação ao longo da vida. Globalmente, a participação dos adultos em educação em diferentes fases do ciclo de vida tem de ser entendida como o resultado de um conjunto complexo de condicionantes ligadas quer às opções institucionais, quer às escolhas individuais, em contextos com características específicas e marcadas por políticas públicas concretas.

Em síntese, nas sociedades contemporâneas, a educação ao longo da vida é geralmente valorizada pelos indivíduos, instituições, Estados nacionais e organismos

supranacionais, sendo indissociável de dinâmicas sociais e económicas que configuram estilos de vida dos sujeitos. Do ponto de vista das orientações de política educativa, nomeadamente com relação à União Europeia, tal parece constituir um elemento central de uma estratégia visando ao desenvolvimento de economias do conhecimento e de sociedades de aprendizagem.

Porém, do ponto de vista dos indivíduos, importa procurar caracterizar o respectivo grau de envolvimento em oportunidades educativas ao longo da vida, bem como qual o perfil daqueles que seguem essa opção e também em que medida tal constitui uma estratégia para fazer frente a contextos profissionais cada vez mais precários e incertos. É o que procuramos fazer em seguida neste artigo, analisando o regresso ao ensino superior dos licenciados de duas universidades públicas de Lisboa.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Os dados que seguidamente são apresentados e discutidos resultam de um questionário respondido em novembro de 2010 por uma amostra de 1.004 licenciados. Essa amostra é estatisticamente representativa do universo de 4.290 licenciados da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa que terminaram os respectivos cursos em 2004/2005.

Os respondentes foram questionados, de maneira extensa e aprofundada, sobre suas trajetórias profissionais e académicas nos cinco anos decorridos entre a conclusão da licenciatura e o momento da inquirição, bem como sobre suas opiniões e avaliações relativamente a diferentes aspetos dessas trajetórias, e ainda sobre variáveis de caracterização social. Tendo em conta os objetivos deste artigo, mobilizaremos especificamente os dados que permitem caracterizar a procura de formação pós-graduada e esclarecer em que medida esta pode ser associada a determinados tipos de situações de inserção profissional, à satisfação com a trajetória profissional após a licenciatura, à percepção sobre a adequação entre diploma de ensino superior e atividade profissional e a algumas variáveis de caracterização social.

Sublinhe-se que, como veremos, são identificados seis tipos de situações de inserção profissional no momento da inquirição, sendo que cinco destes resultam de uma análise de correspondências múltiplas (ACM), enquanto o sexto grupo engloba todos os que estavam desempregados cinco anos após o curso. Relativamente à ACM, foram selecionadas duas dimensões ou eixos estruturantes do espaço de inserção dos licenciados empregados, tendo-se observado que os indicadores “situação na profissão” e “tipo de contrato” são os que mais discriminam na dimensão 1, enquanto os restantes indicadores (“grupo de profissão”, “horas de trabalho” e “salário”) apresentam também contribuições importantes para essa dimensão. No que se refere à dimensão 2, o “tipo de contrato” é também um dos indicadores fundamentais para a sua definição, ao qual se associam com contribuições importantes o “salário” e as “horas de trabalho”.

No que respeita à satisfação com a trajetória profissional e à percepção dos inquiridos sobre a adequação entre diploma e atividade profissional, saliente-se que os respondentes pronunciaram-se sobre esses aspetos avaliando-os em uma escala de 1 a 10, correspondendo o 1 a “menos satisfeito/adequado” e o 10 a “mais

satisfeito/adequado”. Para facilitar a leitura de dados neste artigo, agregamos as respostas assinaladas entre 1 e 6 como “menos satisfeito/adequado” e as entre 7 e 10 como “mais satisfeito/adequado”. Adicionalmente, mobilizamos também neste artigo resultados da inquirição que permitem caracterizar o perfil daqueles que procuram formação pós-graduada, analisando variáveis como a área disciplinar de licenciatura, a classe social de origem e o género.

Caracterizando a amostra global, note-se que os inquiridos distribuem-se por diferentes domínios disciplinares: artes e humanidades (21,5%); saúde (12,5%); ciências físicas (12%); educação (10%); direito (9,8%); ciências da vida (8,5%); ciências sociais e jornalismo (7,7%); economia e gestão (6,7%); matemática, estatística e computadores (6,5%); engenharia, indústria transformadoras e construção (4,8%). Quase todos os inquiridos são cidadãos portugueses (99,8%), e a maioria são mulheres (64,3%, para 35,7% de homens). A média de idade no momento da inquirição é de 31,94 anos, indiciando que a maioria frequentou o ensino superior com cerca de 20 anos.

Note-se, por fim, que os resultados empíricos que em seguida se apresentam referem-se a um conjunto de indivíduos que se licenciaram antes das mudanças curriculares e pedagógicas que vieram a ser introduzidas no ensino superior português na sequência do Processo de Bolonha. Acresce, ainda, que suas trajetórias após a conclusão da licenciatura desenvolveram-se antes do agravamento da crise económica que teve lugar em 2011. Nessas condições, traça-se um “retrato” da situação na primeira década do século XXI, o qual poderá ser objeto de profundas alterações no presente. No entanto, trata-se, em nosso entender, de um contributo importante para analisar e refletir sobre a procura de formação pós-graduada por parte de licenciados em fase de inserção profissional na contemporaneidade.

A FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA COMO OPÇÃO NOS CINCO ANOS APÓS A LICENCIATURA

Importa começar por aferir a dimensão do grupo daqueles que optaram por continuar a formação académica após a licenciatura. No caso da amostra de licenciados da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa, o grupo daqueles que cinco anos após a licenciatura já haviam concluído formação pós-graduada aproxima-se de metade dos licenciados (43,3%), existindo cerca de um quarto (24,4%) que estava inscrito e a frequentar esse tipo de formação no momento da resposta ao questionário. Um grupo com uma dimensão que abrange claramente mais de metade dos licenciados inquiridos (67,1%) afirma ter a intenção de vir a frequentar formação pós-graduada no futuro.

Consideramos que esses resultados, em seu conjunto, revelam uma valorização do percurso de formação académica pós-licenciatura, tanto com relação a práticas e opções efetivas dos sujeitos como no plano de suas intenções futuras. De facto, consideramos esses valores bastante elevados, sobretudo tendo em conta que os licenciados responderam ao questionário apenas cinco anos após a licenciatura, mas que, ainda assim, um grande grupo já havia concluído e/ou frequentava formação pós-graduada. Sublinhamos, adicionalmente, que foi possível apurar que

8 licenciados e 46 licenciados já concluíram, respectivamente, três e dois cursos diferentes de formação pós-graduada.

Quadro 1 – Licenciados que continuaram e/ou pretendiam continuar seu percurso de formação académica (em %)

Licenciados que no momento da inquirição...	Percentagem
Tinham concluído formação pós-graduada	43,3
Estavam inscritos em formação pós-graduada	24,4
Pretendiam frequentar formação pós-graduada no futuro	67,1

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração da autora.

De algum modo esperávamos encontrar contingentes significativos de diplomados que já haviam continuado e/ou que tencionavam continuar seus estudos no ensino superior. Tal como mencionado anteriormente, os dados de várias pesquisas e estudos estatísticos revelam que a adesão à educação é mais intensa entre os jovens adultos ativos e, em particular, no caso de diplomados que obtiveram credenciais escolares elevadas.

Acresce, ainda, que a tendência identificada entre os licenciados da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa para, em grande número, terem regressado ou terem intenção de regressar ao ensino superior é convergente com as conclusões de uma análise sistemática de vários estudos sobre inserção profissional de diplomados realizados em diversas instituições de ensino superior. Nesse trabalho prévio (Alves; Alves; Chaves, 2012)¹ concluiu-se que a dinâmica de procura de formação pós-graduada parece ser mais marcante no caso dos diplomados de universidades situadas em Lisboa, por comparação, nomeadamente, com os que terminam na Universidade de Aveiro e em instituições de ensino superior algarvias.

Os dados referentes aos licenciados da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa permitem caracterizar mais aprofundadamente a procura de formação pós-graduada, nomeadamente descrevendo qual o tipo de formação pós-graduada preferida pelos inquiridos, assim como optaram por dar continuidade ao seu percurso académico na mesma instituição na qual se licenciaram ou noutra (seja esta última em Portugal ou noutro país).

Constata-se que o tipo de formação que mais sujeitos já concluíram é claramente a pós-graduação (65,5%), seguindo-se o mestrado (30,1%), enquanto um pequeno grupo tinha concluído um doutoramento (3%). As preferências por cursos de mestrado (39,6%) e programas de doutoramento (34,7%) assumem uma expressão mais significativa entre aqueles que estão presentemente a frequentar

1 Nessa análise sistemática de estudos, foram consideradas quatro pesquisas distintas realizadas na Universidade de Lisboa, no Instituto Politécnico de Beja, na Universidade de Aveiro e abrangendo as instituições de ensino superior algarvias. Para mais detalhes, consultar Alves, Alves e Chaves (2012).

formação pós-graduada. No que respeita ao grupo que manifesta intenções de se inscrever no futuro, muitos pretendem realizar mestrado (34,7%), e um número também significativo tenciona optar por uma pós-graduação (25,2%), enquanto outras possibilidades menos referidas incluem um doutoramento (13,3%), outra licenciatura (8,1%) e um pós-doutoramento (2,7%).

É de salientar o grupo reduzido daqueles que concluíram formação pós-graduada, que estão a frequentar ou têm intenção de se inscrever em instituições de ensino superior fora de Portugal (respectivamente, 5,1%; 6,5% e 4%). Adicionalmente, sublinhe-se que, entre os que já concluíram formação pós-graduada, cerca de metade (49,5%) completou formação académica na mesma universidade em que se licenciou, enquanto um grupo ligeiramente menor (44,3%) optou por outra instituição de ensino superior em Portugal. No caso dos que estavam a frequentar formação pós-graduada no momento da inquirição, a tendência inverte-se, pois cerca de metade (49,5%) havia escolhido outra instituição de ensino nacional, enquanto um grupo de dimensão inferior (32,1%) mantinha-se na universidade em que se licenciou. No plano das intenções futuras, os inquiridos privilegiam a formação pós-graduada na mesma universidade (43,1%) em detrimento à frequência de outra instituição de ensino superior portuguesa (34,2%).

Em síntese, conclui-se que a opção pela frequência de formação pós-graduada é uma prática efetiva para muitos licenciados nos cinco anos que se seguem à conclusão da formação inicial na universidade, assim como se constitui uma intenção futura para um contingente ainda mais elevado. As pós-graduações e os mestrados são as modalidades de formação pós-graduada preferidas por esses diplomados, sendo clara a escolha da maioria pela continuação dos estudos em Portugal. As preferências por se manterem na mesma universidade ou escolherem outra instituição de ensino superior portuguesa encontram-se bastante equilibradas. Nesse sentido, a mobilidade geográfica e institucional desses licenciados aparenta ser algo circunscrita, o que possivelmente deverá ser associado ao facto de se tratarem de diplomados de universidades situadas em Lisboa, onde também se concentra um grande número de oportunidades de trabalho qualificado e de formação académica.

A FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA COMO ESTRATÉGIA DE INSERÇÃO PROFISSIONAL

Reconhecendo a procura de formação pós-graduada como uma opção frequente entre os licenciados, importa interrogar quais as razões que podem explicar essa opção. No caso dos dados relativos à Universidade de Lisboa e à Universidade Nova de Lisboa, os licenciados não foram diretamente questionados sobre as razões pelas quais optaram pela continuação de seus percursos académicos em pós-graduação.

Nessas condições, procuramos explorar seguidamente em que medida essa procura de formação pós-graduada está associada a algumas características dos percursos dos licenciados, nomeadamente a situações de inserção profissional mais frágil, menos satisfatória e percepcionada pelos próprios como menos adequada à sua formação académica inicial. Isso, para avaliar em que medida uma interpretação

que é habitual e corrente – a ideia de que a procura de formação pós-graduada é uma alternativa ao desemprego e/ou uma estratégia para melhorar as situações de inserção profissional –, pode ser aceite tendo em conta os dados empíricos de que dispomos nesta pesquisa.

Importa destacar primeiramente que, na globalidade, os níveis de insatisfação com a situação profissional e de desadequação entre formação e emprego são bastante reduzidos entre esses diplomados, assim como as condições de inserção profissional não são tão frágeis e desfavoráveis como é tantas vezes veiculado nos discursos correntes e mediáticos. Não obstante, interrogamos: Será o prolongamento do percurso académico mais provável para aqueles que protagonizam condições de inserção profissional menos favoráveis? E/ou será mais provável para aqueles que manifestam níveis de insatisfação mais elevados? E/ou será mais provável para aqueles que consideram sua situação profissional menos adequada à formação inicial?

Procurando aferir o perfil dos que optaram por formação pós-graduada com relação a seu tipo de inserção profissional (ver Quadro 2), pode constatar-se que entre os indivíduos que já haviam concluído formação após a licenciatura assume expressão assinalável o grupo dos que protagonizam uma inserção profissional mais favorecida (tipo 6), destacando-se em seguida outros dois grupos com inserções relativamente favorecidas (tipos 4 e 5). O grupo dos desempregados (tipo 1) tem também de ser mencionado, dado que nesse caso assume igualmente elevada expressividade o número de indivíduos que já concluíram formação pós-graduada.

No caso dos que se encontravam inscritos em formação académica no momento da inquirição, destacam-se os licenciados que se encontravam numa situação de inserção profissional frágil acentuada (tipo 2), seguindo-se os desempregados e os que se encontravam em situações de inserção clássica assalariada subqualificada (tipo 4).

Ainda analisando o Quadro 2, sublinha-se que a intenção de vir a frequentar formação pós-graduada no futuro parece ser particularmente vincada entre aqueles que protagonizam situações profissionais mais desfavorecidas, isto é, que estão desempregados (tipo 1) ou em situação de inserção frágil acentuada (tipo 2). Em seguida, destacam-se os licenciados com situações mais favorecidas, nomeadamente incluídos nos grupos que se caracterizam por uma inserção profissional qualificante (tipo 6) e por uma inserção profissional qualificante assalariada (tipo 5).

Globalmente, os dados apresentados permitem considerar que a procura de formação pós-graduada parece decorrer de lógicas diversas e que, num certo sentido, são díspares.² Para alguns, a formação pós-graduada poderá constituir essencialmente um recurso adicional no desenrolar de percursos de inserção profissional mais instáveis, precários, subqualificados e marcados por períodos de desemprego. Para outros, deverá significar a procura por dar resposta a desafios que vão surgindo em percursos de inserção profissional relativamente estáveis e favorecidos, refletindo

2 Porém, saliente-se que os testes de associação estatística entre variáveis (qui-quadrado) não permitiram concluir que exista relação entre tipo de inserção profissional e frequência de formação pós-graduada.

tendências mais amplas segundo as quais os que usufruem de situações profissionais mais qualificadas são também quem mais facilmente acede à educação ao longo da vida. Nesses casos, a conclusão de formação pós-graduada pode ser associada a situações profissionais mais favorecidas, ficando por esclarecer se estas foram obtidas na sequência do prolongamento do percurso académico ou se é o facto de protagonizarem situações profissionais mais favorecidas que facilita o acesso a formação pós-graduada.

Procurando analisar se são aqueles que estão mais insatisfeitos com o respectivo percurso profissional quem mais opta pela continuação dos estudos académicos, verifica-se (ver Quadro 3) uma muito ligeira tendência para serem mais numerosos os licenciados satisfeitos entre aqueles que já concluíram, frequentavam presentemente ou tinham intenção de o fazer no futuro. Ou seja, é muito ténue a associação entre, por um lado, níveis de satisfação com o percurso profissional e, por outro lado, procura (já concretizada ou ambicionada no futuro) de formação pós-graduada.

Quadro 2 – Licenciados que continuaram e/ou pretendiam continuar formação pós-graduada em cada tipo de situação profissional (em %)

Tipo de situação profissional	Tinham concluído formação pós-graduada	Estavam inscritos em formação pós-graduada	Tinham intenção de frequentar formação pós-graduada no futuro
1 – Desempregados	37,5	20,8	83,3
2 – Inserção frágil acentuada	34,6	26,9	80,8
3 – Inserção frágil	36,8	17,2	67,8
4 – Inserção clássica assalariada subqualificada	39,4	20,3	67,1
5 – Inserção qualificante assalariada	38,8	17,6	70,7
6 – Inserção qualificante: empresários, consultores e profissionais liberais capitalizados	54,0	20,0	72,0
Total	43,3	24,4	67,1

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração da autora.

Quadro 3 – Licenciados que continuaram e/ou pretendiam continuar formação pós-graduada por grau de satisfação com o percurso profissional (em %)

Grau de satisfação	Tinham concluído formação pós-graduada	Estavam inscritos em formação pós-graduada	Tinham intenção de frequentar formação pós-graduada no futuro
Menos satisfeitos	37,7	23,9	66,0
Mais satisfeitos	44,3	24,3	67,3

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração da autora.

Assim sendo, a noção corrente de que a procura de formação pós-graduada constitui uma estratégia diante de situações de grande insatisfação com o percurso profissional não encontra suporte nos dados recolhidos com os licenciados da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa. Alternativamente, essa procura parece constituir uma componente do percurso profissional e parece estar até ligeiramente mais associada àqueles que se manifestam satisfeitos.

Poderá a procura de formação pós-graduada constituir uma estratégia para colmatar lacunas sentidas em relação à adequação percepcionada entre a licenciatura concluída e a profissão desempenhada? Nesse caso, consideramos analiticamente mais adequado relacionar o grau de adequação/desadequação percepcionado no momento um ano após a licenciatura e a frequência efetiva (concluída ou a decorrer no momento da inquirição) de formação pós-graduada. Desse modo, torna-se possível explorar se terá sido o desajustamento sentido na transição para o mercado de trabalho logo após a licenciatura que impulsionou a procura de formação pós-graduada no período de cinco anos que se seguiu à formação inicial.

A observação do Quadro 4 não permite apoiar a ideia de uma associação clara entre (des)adequação percepcionada após o curso e procura mais intensa de formação pós-graduada. Aliás, os licenciados que já haviam regressado ao ensino superior no momento da inquirição tendem a ser mais numerosos entre os que percepcionavam maior adequação passado um ano da conclusão do curso. Nessas condições, reforça-se a ideia anterior de que a procura de formação pós-graduada parece constituir um componente dos percursos de inserção profissional dos licenciados, que é relativamente independente de sua percepção sobre a (des)adequação entre licenciatura e profissão.

Quadro 4 – Licenciados que concluíram e/ou estavam inscritos em formação pós-graduada por grau de adequação percepcionado entre licenciatura e profissão no momento um ano após o curso (em %)

Grau de satisfação	Tinham concluído formação pós-graduada	Estavam inscritos em formação pós-graduada
Menor adequação	35,8	22,7
Maior adequação	40,1	23,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração da autora.

Os resultados que temos vindo a apresentar permitem, com maior segurança e detalhe, corroborar as conclusões de pesquisas prévias. De facto, alguns estudos sobre inserção profissional em Portugal têm revelado que as razões mais referidas pelos diplomados de ensino superior para continuar a formação académica são semelhantes nos vários estudos considerados:³ relacionam-se com o exercício do trabalho e com o aprofundamento de conhecimentos necessários ao desempenho

3 Referimo-nos, de novo, à análise sistemática de estudos na qual foram consideradas quatro pesquisas distintas realizadas na Universidade de Lisboa, no Instituto Politécnico

da profissão, bem como com a continuação de estudos que os sujeitos entendem como “sempre tendo feito parte dos seus projetos de vida”, mas não são justificadas como uma alternativa ao desemprego ou como estratégia de mobilidade profissional (*idem*). Adicionalmente, numa pesquisa prévia de inquirição de mestres e doutores de quatro instituições universitárias,⁴ conclui-se também que as razões apontadas pelos sujeitos para escolherem esses tipos de formação pós-graduada remetem, sobretudo, para uma valorização do espaço académico enquanto oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, ainda que simultaneamente se espere obter contributos para a melhoria do desempenho profissional (Alves *et al.*, 2010).

Em síntese, conclui-se que a (in)satisfação com o percurso profissional ou a avaliação dos inquiridos sobre a adequação entre licenciatura e profissão dificilmente podem ser inequivocamente associadas à continuação de formação académica. Porém, caso fossem associadas, há indícios de que são os mais satisfeitos e os que mais apontam a existência de adequabilidade que mais se envolvem efetivamente em formação pós-graduada. Não obstante, importa destacar também que tende a registar-se uma certa polarização no perfil dos indivíduos que mais procuram (no passado, no presente e no futuro) formação pós-graduada, considerando-se o fato de que esse grupo reúne licenciados com inserções profissionais muito favorecidas, em paralelo com licenciados em situação de desemprego ou com inserções profissionais frágeis.

O PERFIL SOCIOLÓGICO DOS LICENCIADOS QUE PROCURAM FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA

Para além das características dos percursos de inserção profissional, que variáveis podem influenciar a procura de formação pós-graduada? Procurando caracterizar o perfil dos licenciados que se envolvem nessa modalidade de educação ao longo da vida, consideramos variáveis como a área disciplinar de estudos, o género e a classe social que se têm revelado pertinentes na análise sociológica quer dos percursos de inserção profissional, quer dos percursos escolares. Assim, interessa aferir se (e de que modo) essas variáveis podem ser associadas à opção dos licenciados de continuar um percurso de formação no ensino superior em nível pós-graduada.

co de Beja, na Universidade de Aveiro e abrangendo as instituições de ensino superior algarvias. Para mais detalhes, consultar Alves, Alves e Chaves (2012).

4 As quatro instituições consideradas foram a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, o Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, a Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa e a Universidade de Aveiro. A escolha de inquirir mestres e doutores dessas instituições explica-se por ser nestas que se enquadravam os investigadores da equipa do projeto Telos II, desenvolvido entre 2003 e 2006 com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia, no quadro do qual a inquirição mencionada teve lugar em 2005. Para mais detalhes, consultar Alves *et al.* (2010).

Relativamente às áreas disciplinares de estudos, a observação do Quadro 5 revela a existência de variações. Os licenciados que já concluíram ou que estavam inscritos assumem maior expressividade em ciências físicas e ciências da vida, sendo que, no caso dos que já concluíram, segue-se, para além dessas duas, também com grande peso o direito, e, nos que estavam a frequentar no momento da inquirição, a área de artes e humanidades. No extremo oposto, os licenciados que já regressaram ao ensino superior são em menor número na área de economia e gestão, tanto no caso dos que já concluíram (seguindo-se a área de educação) quanto entre os que estavam inscritos (seguindo-se, nesse caso, engenharia, indústrias transformadoras e construção, bem como matemática, estatística e informática).

É precisamente entre aqueles que menos frequentaram formação pós-graduada, ou seja, os licenciados de economia e gestão, que mais se encontram indivíduos que manifestam a intenção de vir a frequentar uma pós-graduação no futuro, seguindo-se, também com muitos interessados, ciências sociais e jornalismo, assim como engenharia, indústrias transformadoras e construção. As áreas que se destacam pelo facto de menos licenciados (mas em todo caso são sempre mais de metade) indicarem que não tencionam frequentar formação pós-graduada no futuro correspondem a ciências da vida, saúde e matemática, estatística e informática.⁵

Quadro 5 – Inquiridos que continuaram e/ou pretendiam continuar seu percurso de formação académica por área de estudos de licenciatura (em %)

Área de estudos	Tinham concluído formação pós-graduada	Estavam inscritos em formação pós-graduada	Pretendiam vir a frequentar formação pós-graduada
Educação	36,0	18,0	66,0
Artes e humanidades	41,4	30,7	70,2
Ciências sociais e jornalismo	37,7	24,7	79,2
Economia e gestão	29,9	10,4	83,6
Direito	52,6	20,6	73,2
Ciências da vida	52,3	40,7	53,5
Ciências físicas	55,8	33,3	65,0
Matemática, estatística e informática	36,9	16,9	56,9
Engenharia, indústrias transformadoras e construção	34,7	16,3	75,5
Saúde	44,5	16,4	55,5

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração da autora.

5 Saliente-se que o teste de associação estatística entre área disciplinar de licenciatura e intenção de vir a frequentar formação pós-graduada no futuro revela uma relação estatisticamente significativa (nível de significância de 0,01), mas muito fraca (v cramer = 0,131). A relação entre área disciplinar e já ter concluído ou estar inscrito não revela associação com significado estatístico.

Sabendo que variáveis sociológicas como o género e a classe social habitualmente condicionam os percursos escolares e profissionais, importa averiguar se também influenciam as opções dos licenciados nos seus percursos de formação pós-graduada.

Por meio da leitura do Quadro 6, constata-se a tendência de, entre os homens, serem ligeiramente mais numerosos (do que entre as mulheres) aqueles que já concluíram, mas sobretudo aqueles que estavam a frequentar ou que pretendiam vir a completar formação pós-graduada.

Quadro 6 – Licenciados que continuaram e/ou pretendiam continuar seu percurso de formação académica em cada género (em %)

Licenciados que no momento da inquirição...	Mulheres	Homens	Total
Tinham concluído formação pós-graduada	43,2	43,6	43,3
Estavam inscritos em formação pós-graduada	23,4	26,3	24,4
Pretendiam vir a frequentar formação pós-graduada no futuro	65,9	69,3	67,1

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração da autora.

Importa destacar esse resultado, uma vez que a variável género influencia fortemente os percursos escolares iniciais, protagonizando as mulheres mais frequentemente situações de maior sucesso escolar e de maior prolongamento da escolaridade. Todavia, o que os dados agora apresentados permitem indicar é que, após a conclusão da licenciatura, parece existir maior paridade entre homens e mulheres na procura de formação pós-graduada, tendendo esta a ser ligeiramente mais escolhida por homens e, sobretudo, mais perspectivada como uma intenção futura por estes.⁶

De modo convergente, em termos mais amplos, a análise de dados estatísticos internacionais revela que parece existir uma certa paridade entre homens e mulheres no que diz respeito a taxas de participação na aprendizagem ao longo da vida, seja esta de tipo formal, não formal ou informal (Alves; Neves, 2010). Contudo, aparentemente os homens tendem a optar por modalidades mais vocacionadas para o mercado de trabalho e articuladas com os desempenhos profissionais, o que deverá estar relacionado com sua participação mais expressiva no mercado de trabalho, em geral na Europa (Holford *et al.*, 2008).

Também as desigualdades de classe têm sido reconhecidas pela sociologia da educação como uma variável que influencia fortemente os percursos escolares iniciais e, designadamente, o acesso ao ensino superior, pelo que interessa explorar em que

6 Não obstante, saliente-se que os testes de associação estatística entre variáveis (qui-quadrado) não permitiram concluir que exista relação entre género e frequência de formação pós-graduada.

medida a classe social do agregado de origem continua a condicionar os percursos de formação a nível pós-graduado. A leitura do Quadro 7 indicia uma tendência para a opção por formação pós-graduada ser mais frequente entre os oriundos de classes sociais mais favorecidas e/ou entre os originários de grupos sociais que se distinguem por níveis de escolaridade mais elevados.

Quadro 7 – Licenciados que continuaram e/ou pretendiam continuar o seu percurso de formação académica por classe social do agregado de origem (em %)

Classe social	Concluíram formação pós-graduada	Estavam inscritos em formação pós-graduada	Tinham intenção de continuar o percurso académico no futuro
EDL (empresários, dirigentes e profissionais liberais)	47,8	22,8	68,1
PTE (profissionais técnicos e de enquadramento)	47,7	26,8	64,2
TI e AI (trabalhadores independentes e agricultores independentes)	37,7	20,8	61,0
EE (empregados executantes)	43,8	26,3	70,8
OI e AA (operários industriais e assalariados agrícolas)	27,9	22,1	70,7

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração da autora.

De facto, verifica-se que os que já concluíram formação pós-graduada são em maior número entre os provenientes das duas classes sociais mais favorecidas (EDL e PTE) e entre os oriundos de EE, sendo que estes últimos, na maior parte dos casos, têm qualificações intermédias. No que respeita aos licenciados inscritos no momento da inquirição, assumem maior expressividade os oriundos em famílias PTE e EE, ou seja, em ambos os casos são grupos nos quais as qualificações são em geral intermédias ou superiores. Assim, conclui-se que, de certo modo, os efeitos da pertença social a famílias nas quais a escolaridade é mais elevada e/ou os recursos económicos mais salientes continuam a fazer-se sentir após a licenciatura na procura mais intensa de formação pós-graduada.

Relativamente às intenções futuras de regresso ao ensino superior, constata-se que estas são mais expressivamente afirmadas por licenciados provenientes de classes sociais intermédias, como EE, mas igualmente de grupos em que se inserem profissionais pouco qualificados e com poucos recursos económicos (como os OI e AA). Ora, sobretudo nestes dois últimos grupos, a frequência de formação até ao momento da inquirição tinha sido comparativamente menos expressiva.

Interessa salientar, globalmente, que, no caso dos licenciados da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa, parece ser possível identificar uma maior participação efetiva em formação pós-graduada (já concluída ou a decorrer no momento da inquirição) por parte dos oriundos de classes sociais mais favorecidas. Em contrapartida, os licenciados provenientes de estratos sociais menos

privilegiados participaram menos até ao momento da inquirição, mas afirmam mais expressivamente ter intenção de vir a frequentar formação pós-graduada no futuro.⁷

Em síntese, os resultados apresentados permitem documentar o modo como a procura de formação pós-graduada oscila em virtude da área disciplinar de licenciatura e de variáveis como o género e a classe social. Destaca-se que os licenciados em certas áreas (como é o caso de economia e gestão e de engenharia, indústrias transformadoras e construção) frequentaram em menor número formação pós-graduada nos cinco anos após o diploma inicial, mas afirmam mais expressivamente que outros a intenção de o fazer no futuro. De acordo com a mesma lógica, licenciados provenientes de classes sociais menos favorecidas (casos de OI e AA), que em menor número haviam regressado ao ensino superior, afirmaram mais nitidamente pretender frequentar formação pós-graduada no futuro.

A análise por classe social indicia que esta continua a influir, de algum modo, na procura de formação após a licenciatura, sendo mais elevada entre os oriundos de grupos sociais mais dotados de recursos. É observável uma tendência inversa no caso da variável género, pois, se numerosos estudos indiciam que as mulheres protagonizam percursos escolares mais longos e com maior sucesso, constata-se que nos cinco anos após a licenciatura são, ainda que a diferença seja muito ligeira, sobretudo os homens quem mais procura formação pós-graduada e quem mais manifesta intenção de a vir a completar no futuro.

CONCLUSÃO

Neste artigo, apresenta-se e discute-se informação empírica que permite caracterizar os licenciados que regressam ao ensino superior nos cinco anos que se seguem à conclusão da formação inicial. Constatamos que um contingente significativo já havia concluído ou estava inscrito em formação pós-graduada passados cinco anos do final da licenciatura, sendo que um grupo ainda maior manifestou intenções de regressar ao ensino superior no futuro. Esses sujeitos preferem frequentar mestrados e pós-graduações em instituições de ensino superior em Portugal, existindo uma grande parte que escolhe continuar na mesma universidade.

Procurando explorar as razões que conduzem os licenciados a regressar ao ensino superior, concluímos que, ao contrário do que frequentemente se sugere nos discursos correntes e mediáticos, não é possível associar linearmente desemprego e/ou precariedade profissional com a opção de procurar formação pós-graduada. Essa hipótese já havia sido formulada previamente, na sequência de outros estudos sobre as características da procura de formação pós-graduada em instituições de ensino superior portuguesas (Alves; Alves; Chaves, 2012; Alves *et al.*, 2010), sendo claramente corroborada pela análise dos dados sobre licenciados da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa agora apresentados.

7 Não obstante, saliente-se que os testes de associação estatística entre variáveis (qui-quadrado) não permitiram concluir que exista relação entre classe social e frequência de formação pós-graduada.

Com efeito, a esse propósito constatou-se que a procura de formação pós-graduada é expressiva para os indivíduos que se encontram desempregados ou em situação de grande precariedade e instabilidade profissional, mas é igualmente muito significativa entre aqueles que protagonizam situações profissionais mais favorecidas. Assim, encontrando-se associada a situações de inserção profissional diversas e até díspares, afigura-se que, para além de poder ser perspectivada como uma estratégia de inserção profissional, a procura de formação pós-graduada constitui uma prática e uma expectativa que são transversais aos licenciados inquiridos. Nesse sentido, pode ser entendida como um componente frequente de seus percursos de inserção profissional nos cinco anos após a licenciatura, sendo possivelmente um indício de dinâmicas mais amplas de participação e envolvimento em diversas modalidades de educação ao longo da vida.

Todavia, destaque-se igualmente que, longe de constituir uma oportunidade igual para todos, a procura de formação pós-graduada tende a ser influenciada por variáveis como o género, a classe social de origem e a área disciplinar de estudos de licenciatura. Esta última permite destacar que os licenciados em certas áreas (como é o caso de economia e gestão e de engenharia, indústrias transformadoras e construção) frequentaram em menor número formação pós-graduada nos cinco anos após o diploma inicial, mas afirmam mais expressivamente que outros a intenção de o fazer no futuro.

No que respeita à variável classe social de origem, é interessante realçar que esta parece continuar a influir nas escolhas escolares dos indivíduos após a licenciatura, apesar da forte importância que, em geral, os licenciados conferem à formação pós-graduada. Nessas condições, os debates sobre as desigualdades sociais no acesso ao sistema educativo não devem, em nossa opinião, escamotear essa dimensão analítica das trajetórias de formação pós-graduada dos licenciados. Se, por vezes, as oportunidades de educação ao longo da vida são apresentadas nos discursos políticos e mediáticos como sendo iguais para todos, importa ressaltar que podem, inversamente, reproduzir desigualdades sociais previamente existentes.

Não obstante, relativamente às variações por género a tendência parece inverter-se. Ainda que as mulheres protagonizem os casos mais frequentes de maior sucesso nos percursos escolares iniciais, sublinhe-se que os dados agora apresentados permitem colocar a hipótese de um menor envolvimento das mulheres em formação a nível pós-graduado ou, pelo menos, de alguma paridade entre homens e mulheres no acesso a esse tipo de formação. Ora, importa destacar esse resultado porque, aparentemente, para além de viverem situações de inserção profissional menos favorecidas após a licenciatura (Alves, 2010), as mulheres estão também menos envolvidas em formação após a licenciatura. A compreensão das razões dessa tendência remete para a articulação entre percursos educativos e profissionais e dinâmicas familiares, recordando que em pesquisa anterior concluímos que os tempos até à conclusão de mestrados são influenciados pelo género e podem ser associados a transições familiares (Alves *et al.*, 2010).

Por fim, tendo em conta os resultados analisados neste artigo, consideramos necessário reforçar que a procura de formação pós-graduada surge como o resultado de um conjunto múltiplo e complexo de variáveis e condicionantes. Acresce

que, longe de poder ser entendida simplesmente como uma resposta a situações profissionais precárias e/ou insatisfatórias, a continuação de um percurso académico parece poder ser, em nossa opinião, perspectivada como uma das dimensões que evidenciam a centralidade que a educação ao longo da vida assume na vida dos indivíduos nas sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. G. A inserção profissional de graduados em Portugal: notas sobre um campo de investigação em construção. In: MARQUES, A. P.; ALVES, M. G. (Orgs.). *Inserção profissional de graduados em Portugal: (re)configurações teóricas e empíricas*. Braga: Húmus, 2010. p. 31-50.

———.; NEVES, C. Padrões e variações da participação na aprendizagem ao longo da vida na União Europeia: uma leitura de indicadores estatísticos. In: ALVES, M. G. (Ed.). *Aprendizagem ao longo da vida e políticas educativas europeias: tensões e ambiguidades nos discursos e nas práticas de Estados, instituições e indivíduos*. Caparica: UIED, 2010. p. 25-52.

———.; CABRITO, B. G.; LOPES, M. G.; MARTINS, A. M.; PIRES, A. L. *Universidade e formação ao longo da vida*. Caparica: UIED, 2010.

———.; ALVES, N.; CHAVES, M. Inserção profissional e razões de ingresso e reingresso no ensino superior. *Sociologia – Problemas e Práticas*, Lisboa: CIES e Mundos Sociais, n. 69, p. 99-120, maio/ago. 2012.

BÉLANGER, P. *Theories in adult learning and education*. Opladen: Barbara Budrich Publishers, 2011.

BIESTA, G. What's the point of lifelong learning if lifelong learning has no point? On the democratic deficit of policies for lifelong learning. *European Educational Research Journal*, Reino Unido: EERA, v. 5, n. 3/4, p. 169-180, 2006.

BROWN, P. The Opportunity trap: education and employment in global economy. *European Educational Research Journal*, Reino Unido: EERA, v. 2, n. 1, p. 141-179, 2003.

GERWITZ, S. Give us a break! A sceptical review of contemporary discourses of lifelong learning. *European Educational Research Journal*, Reino Unido: EERA, v. 7, n. 4, p. 414-424, 2008.

HAKE, B. Late modernity and the learning society: problematic articulations between social arenas, organizations and individuals. In: CASTRO, R. V.; SANCHO, A.; GUIMARÃES, P. (Orgs.). *Adult education: new routes in a new landscape*. Braga: University of Minho, 2006. p. 31-56.

HOLFORD, J.; RIDDEL, S.; WEEDON, E.; LITJENS, J.; HANNAN, G. *Patterns of lifelong learning: policy & practice in an expanding europe*. Wien: Lit Verlag, 2008.

JARVIS, P. *Globalisation, lifelong learning and the learning society: sociological perspectives*. London: Routledge, 2007.

———. *Learning to be a person in society*. London: Routledge, 2009.

RIDDELL, S.; AHLGREEN, L.; WEEDON, E. Equity and lifelong learning: lessons from workplace learning in Scottish SMEs. *International Journal of Lifelong Learning*, Reino Unido: Taylor & Francis, v. 28, n. 6, p. 777-795, 2009.

SOBRE A AUTORA

MARIANA GAIO ALVES é doutora em ciências da educação pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Professora da mesma instituição.
E-mail: mga@fct.unl.pt

Recebido em fevereiro de 2013
Aprovado em julho de 2014